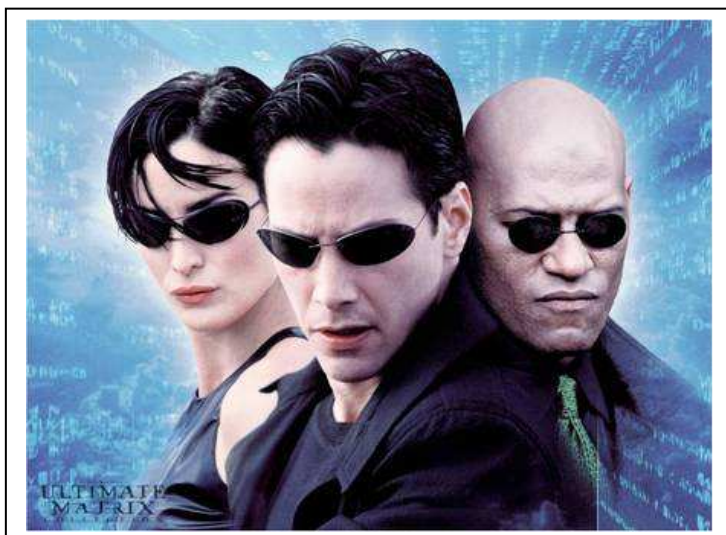


COMUNHÃO TIPO “MATRIX”



Há pouco eu revi a trilogia do filme Matrix. O filme apresenta como tema a luta do ser humano, contra o domínio das máquinas que evoluíram após o advento da Inteligência Artificial. Em um recurso extremo para derrotar as máquinas, a humanidade cobriu a luz do Sol para cortar o suprimento de energia das mesmas, mas elas adotaram uma solução radical: como cada ser

humano produz em média 120 volts de energia elétrica, começaram a cultivá-los em massa como fonte de energia. Para que o cultivo fosse eficiente, os seres humanos passaram a receber programas de realidade virtual, enquanto seus corpos reais permaneciam mergulhados em habitáculos nos campos de cultivo. Essa realidade virtual, que é um programa de computador ao quais todos são conectados, chama-se Matrix e simula a humanidade do final do século XX. Esse programa gera nos homens aprisionados experiências e sensações que os fazem acreditar que vivem uma vida social normal. Na verdade, estes homens têm suas vidas no mundo virtual criadas pelo programa de inteligência artificial. No mundo físico, encontram-se conectados a cabos e passam seus dias presos e flutuando em um líquido dentro do casulo.

Ainda no início da trilogia do filme, Morpheu (personagem que havia conseguido se libertar da Matrix) entrega duas pílulas para Neo, personagem que ainda tem o seu corpo físico preso no casulo, e que agora precisa fazer uma escolha. Ele estava diante de dois caminhos: o do conhecimento da realidade e da verdade - representado pela pílula vermelha ou o caminho da ilusão e da ignorância - representado pela pílula azul. Apesar de estar com seu corpo preso no casulo da Matrix e de sua mente receber os impulsos ilusórios do computador central, Neo tem uma mente humana. O corpo está preso, mas não a consciência.

A resistência a qualquer escravidão passa pelo conhecimento, mas o conhecimento exige a vontade de ser livre. Quem é livre, para continuar livre precisa de conhecimento. O filósofo Willian Irwin escreveu: *“a única coisa pior que uma prisão para sua mente é uma prisão para sua mente que você nem sabe existir, portanto, uma prisão de onde você nem tenta escapar”*. Esta era a situação dos humanos conectados pelos cabos da Matrix.

O que Neo resolve fazer? Qual a escolha que ele toma? No filme Matrix, Neo toma a pílula vermelha e sai do seu casulo. Descobre que vivia um sonho. Que seu corpo estava preso ao casulo.

A idéia central do filme pode ser usada como exemplo e ser aplicada ao que nós, cristãos, chamamos de “comunhão”. Assim como Neo, muitos cristãos vivem aprisionados em um mundo virtual conhecido como “religiosidade”. São prisioneiros incapazes de pensar, mas com a consciência tranqüila. Estão encapsulados em seu “mundo evangélico”, isolados do mundo real, onde há trevas, onde não há sol e onde a necessidade do outro não é suprida por aqueles que possuem habilidade para isso (cf. 1Coríntios 1:7). Muitos têm dificuldade em estender a mão ao necessitado porque, para isso, teriam que sair do seu “casulo” de conforto e talvez, tivessem até que romper com certos dogmas e paradigmas denominacionais.

Os crentes “matrixados” pregam uma comunhão virtual, ilusória. Eles confundem a verdadeira comunhão com “ajuntamento de pessoas”. Transformam o “Corpo de Cristo” em “Cúpula de crentes”. Pessoas assim freqüentam templos lotados de pessoas, mas vazios de amor, de unidade e reciprocidade. Presenciamos uma expansão acelerada de igrejas e denominações das mais diversas. Mas a maioria delas, cresce, não como resultado de estratégia missionária, mas, sim, por divisão e rebelião internas. Muitas igrejas até crescem em número, mas não em influência. O número de gente que enche a igreja aumenta, mas a qualidade de vida das pessoas está sempre piorando. Há muito religiosidade e pouca Graça. Há mais institucionalismos do que discípulos de Jesus.

Infelizmente, em vez de sermos “sal da terra e luz do mundo” (cf. Mateus 5:13-14), muitas vezes nos tornamos “sal do céu e luz da igreja”. Além disso, tentamos inutilmente manter, no mesmo ambiente, hipocrisia e presença manifesta de Deus. Fazemos isso mesmo sabendo que Deus não se relaciona com a hipocrisia e ainda sonda quais são as motivações do nosso coração. Muitos preferem não participar do momento da ceia, do que ir até o irmão que foi ofendido por ele, ou que o ofendeu, e pedir perdão. E ainda há aqueles que, no meio da coletividade, distribuem sorrisos que não reverberam as reais intenções do coração.

Quando agimos assim, corremos o sério risco de sermos enquadrados no contexto da passagem bíblica escrita por Isaías: *“Ouvi a palavra do Senhor, (...) De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? diz o Senhor. (...) Quando vindes para comparecerdes perante mim, quem requereu de vós isto, que viésseis pisar os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; (...), e a convocação de assembléias; não posso suportar a iniquidade e o ajuntamento solene!”* (Isaías 1:10-13).

Já está mais do que na hora de também tomarmos a “pílula vermelha” (cf. João 8:32,36) e sermos libertos desse farisaísmo contemporâneo que busca a todo custo aprisionar o verdadeiro propósito do Evangelho de Cristo.

Nele, que orou ao Pai, pedindo que nós fôssemos UM (cf. João 17:20-21),